



SUBSÍDIOS

## Questões postas aos naturólogos pela ciência da religião

### *Questions to naturologists by the study of religion*

Fábio L. Stern\*  
Ana Luisa Prospero Leite\*\*

**Resumo:** Esse trabalho apresenta questões à naturologia, baseadas em pesquisas que foram efetuadas na ciência da religião desde 2011. Usualmente tais questões não são discutidas pelas vias oficiais da naturologia, por causa da tensão que ocasionam entre os naturólogos. Tais tensões podem ser explicadas pelos três principais motivos de tensão relacionada aos fieis segundo a teoria de Pye: (1) exposição de estruturas não aparentes aos adeptos, como a interface religiosa da naturologia; (2) comparação com outras tradições, como a intensa e ainda atual relação entre naturologia e Nova Era, negada por parte considerável de seus interlocutores; e (3) questionamentos sobre determinados discursos propagados por suas lideranças.

**Palavras-chave:** Naturologia; ciência da religião; fator de tensão com os fieis.

**Abstract:** This article presents questions to naturologists based on researches that have been carried out by scholars of religions since 2011. Due to tensions among naturologists, such questions are usually not discussed through the official channels of naturology. The tensions can be explained by the three main causes related to the believer-related factor according to Pye's theory: (1) exposure of structures not apparent to the adepts, such as the naturology's religious interface; (2) comparison with different traditions, such as the intense and still current relationship between naturology and New Age, denied by a considerable part of its interlocutors; and (3) questions regarding certain discourses propagated by its leadership.

**Keywords:** Naturology; study of religion; tension with believer factor.

## Introdução

Em 2012, o livro *Naturologia: Diálogos e Perspectivas* propôs uma divisão da história da naturologia no Brasil em três fases. A terceira atual se caracterizaria pelo aumento da produção científica, pelo maior fortalecimento e união das associações, pela chegada dos primeiros naturólogos ao nível do mestrado e doutorado, e pela maior contratação de professores bacharéis em naturologia nas graduações, inclusive com naturólogos assumindo os cargos de coordenação desses cursos.

---

\* Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP). Bolsista da CAPES. [caoihim@gmail.com](mailto:caoihim@gmail.com)

\*\* Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP). [isaproseri@hotmail.com](mailto:isaproseri@hotmail.com)

Essa mundaça fez com que o campo passasse a priorizar produções epistemológicas e a investir em eventos acadêmicos. Em busca de fundamentos para essas discussões, teorias das ciências sociais têm sido utilizadas, em uma tentativa de pavimentar o caminho discursivo ao entendimento do que é a naturologia. Foi assim que a ciência da religião também passou a contribuir para se pensar a naturologia.

Em seu processo de regulamentação, a naturologia se vê inevitavelmente na arena da área médica, que impõe questionamentos não apenas sobre sua eficácia e segurança, como também disputa com os naturólogos pela apropriação de suas práticas. Em uma sociedade que outorga ao discurso científico a validação da verdade, a associação das práticas utilizadas pelos naturólogos a saberes religiosos – e, portanto, da própria naturologia – adquire um sentido pejorativo, que vem sendo combatido pelos agentes do campo naturoológico (Leite, 2017).

Mas as pesquisas em ciência da religião demonstram que a naturologia atua em uma zona limítrofe entre o científico e o religioso, algo que era conhecido pelos fundadores do primeiro bacharelado em naturologia do Brasil, mas que desde o início da década de 2000 tem sido desconsiderado (e às vezes até mesmo silenciado) pela elite da naturologia (Stern, 2017). Porém, do mesmo modo que pudemos identificar as tensões geradas por essa zona de contato, inegavelmente os agentes sociais dos quais a naturologia depende para a sua regulamentação também poderão notá-las se os investigarem. Esse trabalho age como um convite à reflexão dessas questões.

## A ciência da religião

A ciência da religião surgiu como disciplina acadêmica no século XIX, com a proposta de estudar cientificamente as religiões, com uma atitude metodológica diferente da teologia. Foi instituída no Brasil na década de 1960 como graduação na UFJF, e na década de 1970 como pós-graduação na PUC-SP. Em 2016, conquistou uma Área de Avaliação própria na CAPES, possuindo hoje cursos em IES públicas e comunitárias das cinco regiões do país. Até o fim de 2016, cerca de 500 doutores haviam sido formados no Brasil. Na virada de 2020, estima-se que serão mais de 700 (Usarski, 2013; Capes, 2016; Stern, Costa, 2017).

As pesquisas em ciência da religião se dividem em dois grandes eixos: (1) o *estudo sistemático das religiões*, que diz respeito a pesquisas teóricas, hermenêuticas, filosóficas e epistemológicas sobre as religiões e linguagens religiosas; e (2) o *estudo empírico das religiões*, o ramo original do surgimento da área, constituído por pesquisas aplicadas, históricas e de documentos religiosos (Wach, 1924).

A ciência da religião é norteada por três posturas acadêmicas: (1) o reconhecimento da imensa variedade de religiões existentes, portanto nenhuma pesquisa será objetiva a menos que exclua os julgamentos inculcados pela própria cultura e religião do pesquisador; (2) a inserção da abordagem ética para analisar o conteúdo êmico observado em campo; e (3) a apresentação dos métodos e resultados de maneira coerente, que permita verificação por outros cientistas das religiões (Platvoet, 1982).

Sobre o segundo ponto supramencionado, *conteúdo êmico* diz respeito à visão interna do grupo religioso, ao passo que a *abordagem ética*<sup>1</sup> é formada por um olhar que estuda as religiões de fora, baseado em teorias acadêmicas que permitem um exame analítico. O êmico é fonte importante a qualquer estudo sobre religiões. Mas na ciência da religião as considerações se pautam na abordagem ética, ou seja, em uma interpretação pelas categorias analíticas elencadas na pesquisa (Platvoet, 1982). E esse distanciamento pode causar inquietação nos membros do grupo estudado.

É por isso que Pye (2009; 2014), ao descrever os momentos do estudo científico das religiões, menciona um fator de tensão relacionada aos adeptos. Segundo Pye (2009), as pesquisas em ciência da religião são divididas em duas etapas principais: (1) uma *fase investigativa*, cujo foco é caracterizar e entender o discurso êmico, e (2) uma *fase explanatória*, que além de explicar os dados levantados pelas teorias elencadas (abordagem ética), os correlaciona com outros fatores sociais.

Se [o fator de tensão relacionado aos adeptos] estiver alto durante as etapas de identificação, há algo errado com o método de investigação. Se estiver atipicamente baixo durante as etapas explanatórias, isso pode sugerir que as explicações estejam fracas (Pye, 2009, p. 100).

Isso significa que metodologicamente é esperado na ciência da religião que no início do trabalho o meio estudado se sinta satisfeito com o que é produzido, visto que a primeira fase tende a promover um sentimento de valorização por descrever o discurso dos adeptos. Mas conforme a pesquisa integra as análises éticas, Pye (2014) elenca três pontos que podem causar desconforto nos adeptos: (1) uma estrutura não aparente (ou parcialmente aparente) aos participantes pode emergir, levando-os a considerar que as análises do cientista das religiões não estão corretas; (2) a comparação entre diferentes tradições pode não ser aceita em grupos que pregam que somente seu caminho é verdadeiro; e (3) ao levantar contextos socioculturais e históricos, a pesquisa pode gerar a necessidade de explicações de determinados discursos antes nunca colocados à prova.

---

<sup>1</sup> Sem qualquer referência à categoria “ética” da filosofia.

Para exemplificar como isso ocorre na prática, citamos uma pesquisa sobre o budismo no Brasil. Observando que durante a virada do século XXI a mídia brasileira passou a vincular constantemente que o budismo estava crescendo no país, o cientista das religiões Usarski (2004) decidiu verificar os dados do censo de 1991 e de 2000, constatando que ao contrário do que a mídia estava divulgando, o IBGE indicava um declínio do budismo. Como resultado, um ministro do Budismo Terra Pura publicou um artigo resposta (*cf.* Gonçalves, 2005). Embora se apresente como historiador, ele fala muito como líder budista nesse texto. Gonçalves frisa a sua própria experiência religiosa o tempo todo sem um maior distanciamento, faz uma separação entre o “budismo real” (que ele classifica como sendo o do grupo dele) e outras formas de budismo, declara esperança frente ao crescimento da religião no país e, como se esperaria segundo Pye, critica a pesquisa de Usarski.

Mas apesar do incômodo causado pelos resultados apresentados por Usarski, Gonçalves acabou por considerar os fatos levantados, ainda que sobre críticas ao cientista das religiões. Até esse artigo, nunca os números do IBGE haviam aparecido em textos de seu grupo. Após a pesquisa de Usarski, o Budismo Terra Pura passou a investir no missionarismo e em traduções dos textos chineses, visando à difusão do budismo pelo Brasil. Com isso, ao comparar os dados do censo de 2000 com os de 2010, notou-se um aumento no número de budistas, um possível fruto das reações dos budistas frente à problemática levantada por uma pesquisa na ciência da religião.

Esse caso é emblemático ao entendimento da metodologia de Pye porque permite observar que, além das duas fases citadas por ele, há um terceiro momento no estudo científico das religiões que diz respeito ao que o grupo estudado faz com os resultados da pesquisa, algo que independe do cientista das religiões. Essa reação, que pode ser de ignorar ou de incorporar tais resultados, permite possibilidades antes não consideradas pelos membros, o que pode fortificar o grupo a médio e longo prazo.

Muito mais poderia ser escrito sobre a metodologia da ciência da religião. Mas para os objetivos dessa comunicação, esses são os pontos centrais à discussão que seguirá sobre o cenário dos estudos sobre naturologia na ciência da religião.

### **A naturologia como objeto de estudo da ciência da religião**

É emblemático perceber que desde 2011 a naturologia vem sendo adotada como objeto de estudo pela ciência da religião. Em primeiro lugar, queremos deixar claro que não consideramos a naturologia uma religião. Entretanto, uma interface entre religião e saúde é valorizada no entendimento de ser humano dos naturólogos,

o que é reafirmado inclusive pelo documento de Diretrizes Curriculares Nacionais em Naturologia (SBNAT, ABRANA, APANAT, 2017, p. 6), ao incluir uma disciplina de espiritualidade e saúde como conteúdo obrigatório aos cursos de bacharelado em naturologia no Brasil.

As duas maiores pesquisas sobre naturologia finalizadas em ciência da religião até agora fazem parte dos dois grandes eixos dessa disciplina: a dissertação de Stern (2015a) foi uma pesquisa empírica sobre o perfil dos naturólogos brasileiros, e a dissertação de Leite (2017) foi um estudo sistemático das cosmologias que embasam o ensino de naturologia no Brasil. Esses projetos de mestrado renderam, além de suas dissertações, publicações que aprofundaram pontos específicos identificados no decorrer desses estudos<sup>2</sup>.

Assim como a naturologia passou por uma fase que dialogou de forma mais amistosa com o conhecimento produzido sobre ela pela ciência da religião, chegando inclusive a possuir um docente com formação em ciência da religião, hoje o limiar entre a fase investigativa e a fase explanatória foi rompido. Logo, é notado um aumento na tensão relacionada à recepção dos naturólogos e das lideranças da naturologia sobre esses estudos. O motivo é que algumas análises proporcionadas pela ciência da religião entram em choque com a proposta política de hegemonia da naturologia que se pretende nesse momento no Brasil.

Citando alguns exemplos, logo no início de seu mestrado, Stern desconfiou de uma possível inflação na população de naturólogos apresentada pelo dossiê de naturologia, documento que possui *status* de oficialidade entre os naturólogos ao apresentar a naturologia e que declara haver 2.000 naturólogos formados no Brasil (Sabbag *et al.*, 2013). Conferindo documentos fornecidos pela UAM e UNISUL, e também o senso do ensino superior brasileiro, Stern percebeu que, na verdade, até julho de 2015 o número de bacharéis em naturologia não ultrapassava a margem de 1.150 pessoas (Stern, 2017). O motivo que o levou a averiguar isso foi pautado nas teorias da ciência da religião, que descrevem que a maioria dos grupos tende a declarar um número de adeptos maior que a realidade do campo, seja para aumentar sua visibilidade social, seja por suas listas de membros serem excessivamente inclusivas (*cf.* Iannaccone, 1998).

Além disso, ao estudar a relação de interagência, a principal categoria êmica da naturologia, Stern percebeu que muito da lógica da relação de interagência é pautada na forma de trabalho do Movimento do Potencial Humano, uma das principais vertentes de cura do movimento da Nova Era dos Estados Unidos; ainda

---

<sup>2</sup> Citando algumas dessas publicações, *cf.* Leite (2015), Leite (2016), Stern (2015b), Stern (2016), Stern (2017), Stern e Moreira (2017) e Guerriero e Stern (2017).

que os naturólogos brasileiros aparentemente não tenham ciência dessa relação (Stern, 2015a, 2016, 2017).

Stern também identificou que a concepção sobre terapias energéticas que atravessa toda a prática naturológica usualmente se alimenta da noção novaerista sobre energia, não necessariamente recorrendo às concepções de energia das medicinas tradicionais ou do próprio vitalismo clássico. Por isso, conforme ele também identificou, há um grupo de naturólogos que considera que o discurso energético deveria ser abandonado pela profissão, pois na concepção dessas pessoas ele fragilizaria a naturologia, mesmo sendo central e estando presente em toda a história da naturologia brasileira (Stern, 2017; Guerriero, Stern, 2017).

A respeito da identificação com o movimento da Nova Era, Stern não só identificou que 51,7% dos bacharéis em naturologia assumem ser nominalmente novaeristas, como também demonstrou que 84,7% dos que se declaram como novaeristas estão atuando profissionalmente com a naturologia, ao passo que esse valor cai para 65,2% entre o grupo daqueles que não se declaram como novaeristas ou dizem não saber o que é o movimento da Nova Era (Stern, 2015a, 2017).

Stern também descobriu que conforme outros cursos de naturologia foram sendo abertos no Brasil, houve uma tendência dos cursos mais novos se considerarem “mais acadêmicos” e “menos esotéricos” que os mais antigos. Citando o caso da UNISUL, originalmente seu curso começou como uma especialização baseada na formação sequencial em naturologia das Faculdades Integradas Espírita. De 1996 a 1998, muitos professores do curso espírita foram convidados a ministrar aula na UNISUL. Em 1998, a UNISUL transformou seu curso em bacharelado, e a partir do início da década de 2000 houve um apagamento de referências históricas anteriores a isso. Os documentos institucionais da UNISUL passaram a ignorar sua própria especialização anterior e o curso das Faculdades Integradas Espíritas, fundado em 1994, dando a entender que no Brasil a naturologia foi criada pela UNISUL em 1998 já como um bacharelado. Curiosamente, isso ocorreu em um período no qual as lideranças da naturologia da UNISUL buscavam maior cientificidade para sua formação (Stern, 2015a; 2017). Assim, essa ruptura pode indicar uma possível compreensão da UNISUL na época de que o curso espírita não era tão adequado aos moldes acadêmicos quanto consideravam o seu próprio curso.

No caso da UAM, seu bacharelado foi fundado em 2002, com fortes referências ao primeiro projeto pedagógico do curso da UNISUL<sup>3</sup>. Apesar do volume de

---

<sup>3</sup> A própria fundadora do bacharelado de naturologia da UAM foi avaliadora do bacharelado de naturologia da UNISUL, quando da solicitação do reconhecimento de seu curso de naturologia. Assim, teve acesso a todos os documentos institucionais referentes a projeto pedagógico e ementário desse curso.

produção sobre naturologia na UNISUL sempre ter sido maior que na UAM, até 2010 havia uma percepção entre os naturólogos da UAM de que a naturologia da UNISUL carecia de cientificidade, pois possuía uma disciplina de xamanismo. Isso foi relatado nas entrevistas da pesquisa de Stern, tanto por naturólogos egressos da UAM quanto por uma pessoa que fez parte da diretoria da Associação Brasileira de Naturologia (Stern, 2015a; 2017).

A respeito das cosmologias religiosas que embasam a noção de saúde propagada pela naturologia, Leite (2017) abordou as relações entre a *āyurvēda* e hinduísmo, entre a medicina chinesa e a alquimia daoísta, entre antroposofia e esoterismo, a questão da disciplina de xamanismo ensinada no curso da UNISUL, além da interpretação novaerista de ciência que aparece historicamente em todo o campo da naturologia.

Sobre a disciplina de cosmologia xamânica da UNISUL, Leite (2017) também ressaltou que enquanto o xamanismo é visto academicamente como um complexo étnico sociocultural que abarca um sistema religioso, aquilo que os naturólogos nomeiam como xamanismo bebe de diversas fontes, como o budismo, o daoísmo, o hinduísmo, o esoterismo, ritos pré-cristãos da Europa e leituras transculturais de cosmologias indígenas, fazendo confluências com saberes modernos como a física quântica e a psicologia transpessoal. Assim, mesmo sem se remeter a uma tradição específica, o xamanismo naturológico utiliza diversas referências religiosas.

Sobre o esoterismo e a Nova Era, Leite (2017) argumenta que diversas tradições esotéricas há muito realizam hibridismos com o intento de elaborar uma nova forma de ciência que ultrapasse a materialidade e inclua também a espiritualidade. A ciência da Nova Era dá continuidade ao projeto esotérico quando objetiva – ainda que às vezes sem consciência dos próprios novaeristas – legitimar por meio de um discurso científico saberes religiosos, como no caso das associações entre medicinas energéticas e a física quântica. E essa lógica, como pontuaram ambos Stern (2017) e Leite (2017), perpassa grande parte da história dos cursos de naturologia no país.

Por não ser constitutivo da naturologia o estudo das religiões, muitas dessas relações passam despercebidas no campo. A fase exploratória da pesquisa de Leite (2017) revelou que a interface religiosa das práticas e epistemologia da naturologia não é contemplada no discurso dominante do campo, seja por desconhecimento dos naturólogos, seja por manobra política das lideranças, resultando em muitas produções que se apropriam erroneamente de elementos científicos para tentar explicar conceitos que, na verdade, escapam aos limites do que tais metodologias podem estudar. Aos pares das ciências, isso é muitas vezes mal visto, ocasionando em críticas que conferem à naturologia o rótulo indesejado de “pseudociência”.

Três exemplos disso são uma publicação de um professor da UNICAMP criticando a validade científica do Congresso Brasileiro de Naturologia (Tessler, 2008), um trabalho apresentado em uma conferência na Argentina que classificou os cursos brasileiros de naturologia como pseudocientíficos (Reis, 2005), e o histórico de edições do verbete “naturologia” na Wikipédia brasileira (Wikipedia, 2017). Sobre esse último caso, entre 2014 e 2016 foi travada uma verdadeira guerra virtual entre naturólogos e outros usuários do portal para decidir se a palavra “pseudociência” apareceria ou não na descrição do que é naturologia na Wikipédia. Isso acabou por levar à exclusão do verbete no início de 2017, e até o fechamento desse texto a Wikipédia redirecionava a pesquisa por “naturologia” ao verbete “medicina natural”.

Essas observações, resultantes das pesquisas da ciência da religião, vão ao encontro dos pontos elencados por Pye (2014). Expõem estruturas não aparentes aos naturólogos, como a interface religiosa da naturologia; comparam diferentes tradições, como a intensa e ainda atual relação entre naturologia e Nova Era, negada por parte considerável de seus interlocutores; e levantam problemáticas que colocam à prova determinados discursos propagados pelo campo, como a utilização inadequada de premissas científicas para explicar concepções metafísicas de cura, que estão para além do alcance metodológico dessas premissas.

### Questões postas à naturologia

Conforme citado anteriormente, por mais polêmicos que os pontos da seção anterior possam parecer aos naturólogos, eles poderão ser percebidos não apenas por cientistas das religiões, como também por quaisquer agentes que se dedicarem a analisar o campo naturológico. Sendo assim, devemos questionar como a naturologia reagirá a esses dados, levando em consideração seus objetivos de regulamentação e expansão social. Visando promover esse debate, algumas problemáticas tangíveis à edificação da naturologia são levantadas.

Conforme explicado por Pye (2014), é comum que alguns grupos religiosos não aceitem ser comparados com tradições diferentes, por se considerarem mais puros ou a única forma correta de se fazer religião. Embora a naturologia não seja uma religião, a mesma lógica parece estar presente em sua história, conforme novos cursos e grupos de naturólogos foram sendo criados no Brasil.

Como citamos anteriormente, o curso da UNISUL preteriu a formação das Faculdades Integradas Espírita, tanto quanto posteriormente foi também preterido pelos acadêmicos do curso da UAM. Somente após 2010 esses estranhamentos



começaram a ser superados entre UNISUL e UAM. Mas até hoje os naturólogos das regiões sul e sudeste mal possuem informações sobre o primeiro curso espírita e como acontece a naturologia nas religiões norte e nordeste do Brasil. Tão pouco eles conseguem estabelecer diálogos com associações e cursos de naturologia desses lugares. Por exemplo, a Associação Sergipana de Naturologia, a Associação Nacional dos Profissionais em Naturologia Aplicada e a Associação Geral da Ordem dos Naturologistas do Brasil não foram mencionadas em nenhuma entrevista ou produção de egressos da UAM e UNISUL levantadas nas pesquisas de Stern e Leite. Como é possível pleitear um projeto nacional de regulamentação da naturologia, se as barreiras de diálogo ainda não parecem ter sido ultrapassadas?

Sabendo que a população de naturólogos está inflacionada no dossiê feito pelas associações de naturologia, a imagem da naturologia não se prejudicará quando tomarem conhecimento disso os agentes políticos envolvidos no Projeto de Lei que visa à regulamentação da profissão do naturólogo? Ao contrário dos documentos institucionais da UNISUL e UAM, o senso do ensino superior brasileiro é aberto ao público, passível de verificação por qualquer um. A identificação dessa discrepância na população de naturólogos seria um dos motivos pela recente busca das lideranças da naturologia de dizer que a naturologia é sinônimo de toda ocupação que trabalha com terapias naturais, até mesmo aquelas que o Ministério do Trabalho e Emprego não considera como ocupações de nível superior (p. ex. naturoterapia e naturopatia)? Qual será a implicação à sobrevivência dos bacharelados de naturologia caso haja um entendimento amplo da sociedade de que não é necessário cursar um curso superior para se exercer a naturologia?

Se o índice de atuação entre os naturólogos que objetivamente se consideram novaeristas é maior, quais os efeitos da repressão dos discursos e saberes da Nova Era, visando uma maior identificação da naturologia com as ciências médicas? Haveria alguma relação entre o sucesso inicial das graduações brasileiras, quando os cursos de naturologia estavam mais alinhados aos *ethos* novaerista, e o aumento da evasão e diminuição das matrículas durante as fases em que esses conteúdos foram mais combatidos? Ainda que haja outras variáveis (p. ex. crise política, crise econômica, disponibilidade de bolsas de estudo etc.), não seria interessante às instituições ao menos considerar esses dados ao analisarem a evasão escolar e a demanda de seus próprios cursos de naturologia? O índice de evasão dos cursos de naturologia é o mesmo dos outros cursos das instituições nas quais a naturologia é ensinada no Brasil? Qual a taxa de evasão nas épocas que o *ethos* novaerista era mais tolerado?

O ensino de medicina xamânica na UNISUL, apesar de sempre muito popular entre os estudantes, enfrenta resistências históricas, com acusações de falta de cientificidade em sua abordagem, críticas a sua vinculação aos saberes religiosos, e questionamentos sobre a validade acadêmica de seu referencial teórico e sobre a carência de produção sobre esse tema. Observando que uma disciplina sobre xamanismo não foi inserida nas Diretrizes Curriculares da Naturologia (*cf.* SBNAT, ABRANA, APANAT, 2017), estaríamos diante de um movimento pela sua retirada gradual do ensino da naturologia, mesmo a medicina xamânica já tendo sido considerada um dos três pilares da naturologia no Brasil?

Mesmo que os antroposóficos não se reconheçam como religiosos, a antroposofia é academicamente considerada uma religião, cujas premissas advêm do esoterismo teosófico (Toncheva, 2013; Staudenmaier, 2014). A antroposofia não é mais científica do que o xamanismo. De fato, diversos críticos da medicina antroposófica colocam em xeque sua autoalegação de cientificidade. Mas diferente do ensino de xamanismo, a antroposofia foi incluída nas Diretrizes Curriculares da Naturologia (*cf.* SBNAT, ABRANA, APANAT, 2017, p. 6). Isso seria apenas porque a medicina antroposófica está na PNPIC? Não seria necessária uma maior discussão sobre os critérios dessa inclusão e da exclusão do xamanismo?

Igualmente, a rejeição dos naturólogos ao termo “esotérico” demonstra uma lacuna no conhecimento das bases de seu próprio entendimento de saúde. A maior parte das diretrizes da naturologia resulta de elaborações históricas do esoterismo, de forma que elementos esotéricos perpassam todo o campo. Conforme expõe Leite (2017, p. 171), o apelo à categoria “energia”, o interesse pelo retorno ao natural, a horizontalidade na relação terapêutica, a psicologização da saúde, o diálogo entre saberes e o afã por uma ciência que exceda o material são todos elementos oriundos de tradições esotéricas. O mesmo desconhecimento ocorre na PNPIC: a inclusão da antroposofia na política nacional deixa subentendido que se trata somente de uma nova medicina, mascarando sua interface esotérica. Dessa forma, enquanto o termo “esotérico” é tratado pelos naturólogos por seu sentido pejorativo, o desconhecimento de seu significado impõe à área uma contradição: a naturologia nega qualquer relação com o esoterismo, ao mesmo tempo em que é imensamente devedora dele, como qualquer pesquisa um pouco mais aprofundada permite perceber.

Sobre todas essas questões aqui levantadas, ressaltamos que não possuímos as respostas. Somente a naturologia, a partir do esforço conjunto de seus profissionais, poderá ditar os próximos passos em relação a elas. Embora os resultados das investigações em ciência da religião possam soar contrários ao caminho desejado

pelos naturólogos, parecendo minar o campo de desenvolvimento da naturologia brasileira, consideramos que se absorvidos e discutidos com clareza pelos naturólogos, poderão servir ao desenvolvimento do campo. Porém sua relevância somente se efetivará a partir da postura adotada pelos próprios naturólogos nessa terceira fase do modelo de Pye, podendo lhes auxiliar a desenvolver respostas próprias às críticas de seus pares-concorrentes, que consideram por vezes a naturologia em situação de liminaridade com a ciência e inadequada enquanto curso de ensino superior.

## Referências

CAPES. *Ciências da religião e teologia*: documento de área. Brasília: MEC, 2016.

GONÇALVES, R. M. As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 198-207, 2005.

GUERRIERO, S.: STERN, F. L. Concepções de energia na Nova Era: o caso da naturologia brasileira. *Caminhos*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 4-25, 2017.

IANNACCONI, L. R. Introduction to the Economics of Religion. *Journal of Economic Literature*, Nashville, v. 36, n. 3, p. 1465-1495, set. 1998.

LEITE, A. L. P. Uma breve reflexão acerca da ótica de cosmovisão a partir de Apostel e Van der Veken e suas possíveis contribuições para a Naturologia. In: Fórum Conceitual de Naturologia, 5., 2015, São Paulo. *Anais...*

\_\_\_\_\_. Lidando com os ciclos: a catábase mítica na prática terapêutica em Naturologia. In: Congresso Internacional em Ciências da Religião, 8., 2016, Goiânia. *Anais...*

\_\_\_\_\_. *Naturologia, religião e ciência*: entremeares da construção de um campo. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – PUC-SP, São Paulo, 2017.

PLATVOET, J. G. *Comparing religions*. Den Haag: Mouton, 1982.

PYE, M. O estudo das religiões e o diálogo entre as religiões. *REVER: Revista de Estudo da Religião*, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 98-119, 2009.

\_\_\_\_\_. Methodological integration in the study of religions. *Scripta Instituti Donneriani Aboensis*, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 189-206, 2014.

REIS, W. P. A pseudociência nas universidades brasileiras. In: Conferência Iberoamericana sobre Pensamento Crítico, 1., 2005, Buenos Aires. *Anais...*

SABBAG, S. H. F.; *et al.* A Naturologia no Brasil: avanços e desafios. *Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares*, Palhoça, v. 2, n. 2, p. 11-31, 2013.

SBNAT; ABRANA; APANAT. *Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Naturologia*. 2017. Disponível em: <<http://www.naturologia.org.br/diretrizes-curriculares/>>. Acesso em: 21 set. 2017.

STAUDENMAIER, P. *Between occultism and nazism: Anthroposophy and the politics of race in the Fascist Era*. Leiden: Brill, 2014

STERN, F. L. *Naturologia e espiritualidade: indícios dos valores do movimento da Nova Era entre naturólogos formados no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – PUC-SP, São Paulo, 2015a.

\_\_\_\_\_. Indícios de religiosidade implícita em textos de Naturologia no Brasil. *Último Andar*, São Paulo, v. 1, n. 26, p. 17-34, 2015b.

\_\_\_\_\_. Interfaces entre a “relação de interagência” da Naturologia brasileira e as concepções de cura no movimento da Nova Era. In: Simpósio Internacional da ABHR, 2., 2016, Florianópolis. *Anais eletrônicos...*

\_\_\_\_\_. *A Naturologia no Brasil: histórico, contextos, perfil e definições*. São Paulo: Entre Lugares, 2017.

STERN, F. L.; COSTA, M. O. *Abertura do I Seminário de Ciência da Religião Aplicada*, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/4hIztJRd-p4>>. Acesso em: 18 set. 2017.

STERN, F. L.; MOREIRA, A. M. Mitologia como terapia: o caso da Naturologia. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 199-226, 2017.

TESSLER, L. R. Naturebologia. *Cultura científica*, Campinas, 13 abr. 2008. Disponível em: <<http://cccientifica.blogspot.com.br/2008/04/naturebologia.html>>. Acesso em: 26 set. 2017.

TONCHEVA, S. Anthroposophy as religious syncretism. *SOTER: Journal of Religious Science*, Kaunas, v. 48, n. 76, p. 81-89, 2013.

USARSKI, F. O dharma verde-amarelo mal-sucedido. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 303-320, 2004.

\_\_\_\_\_. História da ciência da religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013, p. 51-62.

WACH, J. E. A. F. *Religionswissenschaft: Prolegomena zu ihrer wissenschaftstheoretischen Grundlegung*. Leipzig: Universität Leipzig, 1924.

WIKIPEDIA. *Histórico de edições de "Naturologia"*. Wikimedia, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Naturologia&action=history>>. Acesso em: 26 set. 2017.

Recebido em: 23/11/2017

Aprovado em: 18/12/2017